

Memória, coautoria e produção colaborativa do projeto “Histórias do Movimento Soul de Belo Horizonte”

A escuta como princípio ético e estético no fazer de *design*

Palavras-chave: *Design* colaborativo; narrativas de mulheres negras; memória coletiva.

Brenda Laura de Oliveira Leite; Universidade Federal de Minas Gerais;
Orientação: Renata Marquez; Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil;
broleite@gmail.com;

1. Resumo expandido

Este trabalho nasce do desejo de compartilhar a construção do projeto “Histórias do Movimento Soul de Belo Horizonte” (2022), resultado de uma ação de *design* desenvolvido em parceria com mulheres negras atuantes dos bailes *black* da Região Metropolitana de Belo Horizonte desde as décadas de 1970 e 1980. Originado nos Estados Unidos nos anos 1960, o Movimento chegou ao Brasil como expressão cultural que articula música, dança, estética e combate ao racismo. Na capital mineira, consolidou-se de modo presente e singular, sobretudo nas corporeidades performadas e nas mobilizações de grupos e coletivos locais.

O projeto, que buscava produzir um produto coletivo sobre vivências de mulheres do *soul* na cidade de Belo Horizonte, foi tecido por pesquisas, conversas e reflexões sobre o Movimento e seus desdobramentos. Desse percurso, originou-se um conjunto de quatro livros sem ordem de leitura definida: o livro de título homônimo ao projeto, apresenta temas ligados à vivência *soul* por mulheres e traça um panorama histórico-social dessa expressão cultural e política; os livros “Chão”, “Estrada” e “Pista” reúnem narrativas das participantes Lady Valéria, Preta e Maria Célia, mulheres que compartilharam suas vivências nos bailes *black*.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025



Imagem 1 – Três conjuntos dos livros com destaque para os livros “Pista”, “Estrada” e “Chão”.

Fonte: Acervo fotográfico pessoal (2022).

O interesse por essa temática surge das memórias de familiares e amigos sobre os bailes black em Osasco (SP), evidenciando obstáculos enfrentados por mulheres no acesso ao lazer e à socialização — experiências semelhantes às relatadas em Belo Horizonte. A essas mulheres eram frequentemente impostos protocolos sociais que restringiam suas autonomias, exigindo o cumprimento de funções de cuidado e a presença masculina para sua circulação nos espaços culturais. Em contrapartida, relatos recentes indicam crescente participação das mulheres do *soul* organizando eventos, mobilizando redes e atuando como DJs. Tais transformações revelam vivências singulares, atravessadas por experiências coletivas marcadas por gênero e raça.

Lady Valéria, Preta e Maria Célia se tornaram figuras centrais no processo projetual devido aos seus envolvimento naturalmente atentos e comprometidos com a proposta. Para cultivar uma escuta sensível e horizontal, compartilhamos expectativas, referências e experiências durante almoços e cafés, com a presença de familiares e amigos nos encontros. A metodologia se inspira na concepção de sujeito desenvolvida por Grada Kilomba (2019).

O termo sujeito, contudo, especifica a relação de um indivíduo com sua sociedade; e não se refere a um conceito substancial, mas sim a um conceito relacional. Ter o status de sujeito significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais, e por outro lado, podem participar em suas sociedades, isto é, podem determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas das sociedades em que vivem. Em outras palavras, elas/eles podem ver seus interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e apresentados oficialmente na sociedade — o status absoluto de sujeito. (Kilomba, 2019, p. 74-75).



Imagem 2 – Fotografias antigas compartilhadas por Lady Valéria em meio aos encontros do projeto.

Fonte: Acervo fotográfico de Lady Valéria (2021).

No âmbito prático, as etapas de criação envolveram: (1) pesquisa multidisciplinar em fontes acadêmicas, acervos visuais e conversas exploratórias; (2) contação de histórias, pré-seleção de materiais compartilhados e conversas iniciais de produto de design; (3) geração de alternativas visuais e narrativas, com base em referências gráficas e propostas de formatos diversos; (4) definição do produto final e tipo de impressão, considerando as oportunidades disponíveis; (5) produção manual do produto com auxílio de colaboradores e compartilhamento com participantes e interlocutores do projeto. Já na condução das conversas com as participantes, foi elaborado um roteiro simples com o objetivo de estimular o compartilhamento espontâneo de histórias, ao mesmo tempo em que se mantinha abertura para o surgimento de temas inesperados: infância; adolescência e bailes *black*; período pós-bailes; e continuidades e vínculos atuais com o *soul*.

V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

Por fim, a criação visual foi compreendida e baseada nas linguagens gráficas e códigos estéticos percebidos nas referências coletadas. Foram especialmente considerados acervos fotográficos, impressos gráficos, artefatos e filmografias que permitiram explorar paletas de cores, tipografias, composições visuais, edição de imagens, além de tipos de papel e texturas oriundos de diferentes épocas e técnicas de impressão.



Imagem 3 – Referência de projeto gráfico desenvolvido pela Gráfica Fábrica sobre relatos de DJs que vivenciaram os bailes *blacks* de São Paulo (SP).

Fonte: Disponível em: <<https://graficafabrica.com.br/bailes/>>. Acesso em: 22 set. 2025.

Dito isso, a lida com o registro de memórias se apresenta como um dos caminhos possíveis para propagar as múltiplas vivências das mulheres do *soul*. Contar essas experiências, de maneira oral ou visual, é um gesto que respeita a condução própria de quem narra suas vivências. A narrativa, como base da oralidade, permite expressões singulares — seja na criação de cenários (imaginários ou reais), na construção linear ou fragmentada da história, ou nos diversos formatos que essa contação pode assumir por meio de palavras, fotografias, ilustrações, entre outros.

A escuta ativa e o reconhecimento das trajetórias dessas mulheres foram essenciais para que o projeto se mantivesse enraizado na realidade que ele se propôs a retratar. Não se tratava de documentar, mas de criar um espaço de diálogo onde as falas

fossem acolhidas sem mediações que distorcessem suas intenções, especialmente por se tratar de discursos contra hegemônicos.

No aspecto formativo, discutir a produção de imagens é sempre importante. Estamos em contato ininterrupto com imagens produzidas por outras pessoas, e estar no espaço de produção de imagem é entender que esse processo é construído e que por trás de uma imagem existem pessoas, instituições, conflitos, interesses. A construção [da imagem] não é apenas sobre círculos cromáticos, princípios e elementos da criação visual é uma construção política. (SILVA; HENRIQUES, 2022, p. 385).

A essência do projeto está no processo e no que dele se reverbera em outras ações, encontros e significados. O *design*, aqui, é uma prática de escuta, de relação e de ação que se inicia em interesses comuns — e não a criação de um produto como um fim. O trabalho não se propõe a representar uma narrativa definitiva, mas a abrir caminhos para que essas memórias continuem sendo contadas por quem as vive. Além disso, procurou tensionar as fronteiras entre quem pesquisa e quem é pesquisado, reposicionando os papéis tradicionais na produção de conhecimento. A experiência mostrou que o *design* pode ser ferramenta de escuta, registro e amplificação de vozes, especialmente em contextos marcados por apagamentos históricos. Ao tratar a memória como prática viva, foi possível perceber como ela se atualiza no presente, influenciando formas de existir, resistir e criar. Assim, o projeto não se encerra em si mesmo, mas se propõe como convite para que outras histórias venham à tona, reafirmando a potência coletiva da memória e a centralidade da escuta no fazer do *design*.



V COLÓQUIO DE PESQUISA EM DESIGN E ARTES

5, 6 e 7 de novembro 2025

REFERÊNCIAS

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SILVA, Daniel Reis; HENRIQUES, Márcio Simeone. Design participativo para o fortalecimento da sociedade civil. In: SILVA, Daniel Reis; HENRIQUES, Márcio Simeone. **Públicos em movimento: comunicação, colaboração e influência na formação de públicos**. São Paulo: Editora da Universidade, 2022. p. 385.